A ESCRITURA AFRO-FEMININA MARANHENSE: MARIA FIRMINA DOS REIS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A LITERATURA BRASILEIRA

YONÁ MILHOMEM DE OLIVEIRA[1]

EDNA SOUSA CRUZ[2]

AFILIAÇÃO

[1]UEMASUL – CCHSL - Rua Godofredo Viana, 1300 - Centro, Imperatriz - MA, 65900-000.

[2]UEMASUL – CCHSL - Rua Godofredo Viana, 1300 - Centro, Imperatriz - MA, 65900-000.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo desenvolver um estudo acerca das contribuições da mulher-escritora-negra maranhense Maria Firmina dos Reis ao pensamento social brasileiro, de forma a destacar sua importância no cenário literário maranhense e nacional. Tendo como objeto de estudo o romance *Úrsula*, publicado em 1859, a investigação se preocupa em discutir questões de gênero e raça a partir das narrativas dos personagens da obra. A análise dessas categorias é fundamental para a compreensão do olhar de Firmina sobre o sujeito marginalizado na sociedade brasileira do século XIX. Considerado pela crítica o primeiro romance antiescravagista do Brasil, *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, distingue-se dos romances da sua época por conter uma forte escrita emancipadora, em que ao negro é concedido espaço de fala na condição de sujeito para narrar suas experiências enquanto Outro. Por meio da memória de Mãe Susana, Túlio e Antero, analisa-se a construção do sujeito diaspórico no contexto de escravidão do século XIX, observando as imagens e representações exploradas na história por eles construída. Nesta investigação, discorre-se sobre a narrativa disruptiva de Maria Firmina dos Reis, a qual se afasta da ideologia hegemônica do período para dar lugar a um discurso revolucionário. Com uma abordagem interdisciplinar, a presente pesquisa realizou uma leitura de imersão no romance que envolveu uma análise da obra. A interpretação dos dados sinaliza a relevância da obra de Maria Firmina dos Reis, tanto em seu caráter inovador em pleno Brasil oitocentista, por tratar de temas pouco discutidos na época, quanto em suas problemáticas que não se limitam ao momento histórico em que foram escritas. Sua importância revela-se em ser uma escritura afro-feminina situada em uma conjuntura política, econômica e social, alicerçada nas problemáticas da escravidão e no patriarcado, manifestando-se em oposição à ideologia dominante.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura afro-brasileira; *Úrsula*; Autoria feminina maranhense.

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira até o século XIX seguia os moldes europeus, dada a ligação

política que o Brasil mantinha com Portugal. A partir da independência do Brasil, ocorrida em 1822, emerge a necessidade de uma literatura independente que se distancie da metrópole e represente, de fato, a nação emancipada (Oliveira, 2014). Nesse bojo da procura por um espírito nacional, o romantismo brasileiro, como sustenta Candido (2007), vai tomando forma, de modo que temas locais começam a ganhar destaque no cenário literário nacional. Nesse momento histórico, questões referentes à escravidão são amplamente discutidas por meio da literatura e da imprensa, devido, principalmente, à proibição pelo Império do tráfico de humanos.

No campo literário, citamos o romance *Úrsula*, da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis. Considerado pela crítica o primeiro romance antiescravagista do Brasil, a obra insere-se no movimento romântico oitocentista, contudo, sem se limitar a seguir os modelos pré-estabelecidos do gênero (Silva, 2013). O romance diferencia-se dos romances da época por seu forte discurso emancipador, em que ao negro é concedido espaço de fala na condição de sujeito para narrar suas experiências enquanto Outro.

Firmina abarca em suas obras as particularidades da vivência do povo negro e oferece aos seus leitores um ponto de vista alternativo ao que vinha sendo propagado na época. A autora posicionou-se contra a suposta superioridade moral branca (Bonnici, 1998) que se firmava em oposição a uma suposta degradação de caráter associada sempre ao negro. A escritora maranhense construiu seus personagens caracterizando-os como seres humanos nobres e, por meio deles, rememorou uma África bela e abençoada, agora perdida na escravidão forçada.

Buscando compreender a dimensão de Maria Firmina dos Reis no cenário literário brasileiro, este estudo norteou-se por teorias que abordam questões de gênero e de raça, com o intuito de compreender o processo colonial e como ele influenciou a escritura de Firmina. Estima-se que este trabalho forneça, também, contribuições com os estudos em torno da escrita de autoria afro-brasileira, em especial a maranhense.

METODOLOGIA

A presente pesquisa bibliográfica se caracterizou por uma abordagem interdisciplinar da obra de Maria Firmina dos Reis, tendo como foco o romance *Úrsula*, lançado em 1859, o qual trabalha temas que se refletiam na sociedade oitocentista, além de problemáticas que se

perpetuam até hoje. Para a tessitura desta investigação foram realizados encontros com a orientadora para estudos de obras teóricas que dialogam com a obra em pauta. No passo seguinte, procedemos à leitura de imersão no romance, a qual envolveu a seleção e análise de fragmentos do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A produção literária de Maria Firmina dos Reis iniciou-se em 1859 com a publicação do romance *Úrsula*, pela *Tipografia do Progresso*. Sua obra inaugural é marcada por uma crítica ao regime patriarcal e escravagista, expondo a contradição entre o cristianismo e a escravidão (Zin, 2019). A partir de então, a autora contribuiu ativamente na imprensa maranhense local para a discussão do lugar do negro na sociedade oitocentista.

Apesar de sua popularidade notável, devido às suas contribuições literárias e sua profissão de professora, Firmina permaneceu por décadas esquecida. O pesquisador Rafael Balseiro Zin (2016, p. 27) sustenta que tenha havido "um possível silenciamento ideológico vindo das elites condutoras da vida intelectual brasileira". A obra *Úrsula* foi descoberta em 1962, por Horácio de Almeida, em um sebo no Rio de Janeiro. Em 1975, Almeida fez uma fac-similar da obra e, em seu prólogo, enfatizou a ausência de Maria Firmina dos Reis nos estudos críticos da literatura maranhense (Muzart, 2014).

Úrsula é um romance abolicionista que aborda temas como a questão da escravidão e da diáspora, além da posição feminina na sociedade vigente. A história de um amor que não pôde se concretizar entre a personagem que dá nome ao romance *Úrsula*, e o jovem Tancredo, é a narrativa que servirá de fio norteador da trama. É por meio dela que o leitor será apresentado aos demais participantes da urdidura.

No entremeio desse enredo, destacam-se três personagens secundários: Mãe Susana, pai Antero e o jovem Túlio. Todos eles possuem em comum sua condição de servidão forçada, contribuindo de forma ímpar para a narrativa com seus relatos acerca de suas experiências em uma sociedade escravagista. Túlio, como veremos a seguir, é retratado como uma pessoa altruísta, de coração nobre e um exemplo moral. Suas boas qualidades e sua revolta com a escravidão podem ser assinaladas no trecho abaixo:

> O homem que assim falava era um pobre rapaz, que ao muito parecia contar vinte e cinco anos, e que ria franca expressão de sua fisionomia: deixava adivinhar toda a

> nobreza de um coração bem formado. O sangue africano fervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e embalde o sangue ardente que herdara de seus pais, e que o nosso clima e a servidão não puderam resfriar, embalde — dissemos — se revoltava, porque se lhe erguia como barreira o poder do forte contra o fraco (Reis, 2018, p. 18).

Ao descrever o personagem Túlio, um jovem escravizado, como um ser digno e de boas virtudes, Firmina permite que se compreenda a visão do personagem acerca de sua condição subalterna. Observa-se que a descrição trazida pela autora não se reduz à reprodução de estereótipos muito comuns do período, como a do negro vítima ou escravo demônio (Filho, 2004). Ao contrário das representações negativas do negro escravizado na literatura da época, Firmina ressalta as virtudes de Túlio, expondo um ponto de vista revolucionário, no qual o sujeito negro apresenta-se com traços de caráter que lhe pertencem somente, sem o peso dos estereótipos.

A personagem Mãe Susana narra o processo por meio do qual milhares de africanos foram traficados e escravizados. Ela, motivada pela fala de Túlio que afirmava estar livre novamente, desacredita-o e rememora sua vida enquanto ser humano livre. Com um tom saudoso e afetuoso, Mãe Susana descreve a África como um espaço de liberdade, como mostra o fragmento a seguir:

> Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor; eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah, meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma. Uma filha que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah, Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh, tudo, tudo até a própria liberdade! (Reis, 2018, p. 87).

Mãe Susana, ao rememorar sua alegria sobre os tempos vividos na África, lugar onde nascera, ressalta suas qualidades, atrelando-as ao seu ideal de liberdade. A natureza, a família e a amizade são expressas nesta primeira parte de sua narrativa, a qual ocorre antes do processo de escravização da personagem. Susana narra a barbaridade e a crueldade com que a arrancaram de sua terra natal, subjugando-a e separando-a de seus entes queridos.

Chimamanda Ngozi Adichie, em *O Perigo de uma História Única* (2019), trata das

consequências que um discurso único sobre um povo pode causar como, por exemplo, a afirmação de estereótipos. Para Adichie (2019), criar uma história única é repetidamente enfatizar uma característica de um povo, de tal modo que, eventualmente, ele se torne somente esse único aspecto, apagando sua riqueza cultural e histórica. Na concepção da autora:

> Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazer a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você quer destituir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história, e começar com "em segundo lugar". Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. Comece a história com o fracasso do estado africano e não com a criação colonial do estado africano e você tem uma história totalmente diferente (Adichie, 2019, p. 23).

A visão de Adichie corrobora o que Firmina suscita em sua obra *Úrsula*, por meio do discurso de Mãe Susana, visto que a personagem conta sobre sua vida desde antes da opressão da escravidão. Consequentemente, o que se tem é um contraste entre a liberdade e a prisão, a felicidade e a tristeza, o natural e o forçado, o humano e o desumano. A utilização desses binômios é fundamental para a desnaturalização da escravidão, uma vez que a autora decide contar a história de Susana antes da chegada dos povos europeus, optando por uma abordagem que rompe com a visão dominante da época. O seguinte trecho fala dessa questão:

> Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava — pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus, o que se passou no fundo da minha alma, só vós o pudestes avaliar! Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativeiro no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura, até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé, e, para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa: davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca; vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim, e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! (Reis, 2018, p.88).

Por meio de suas rememorações, Mãe Susana conta a Túlio a crudeleza e a barbárie que vivenciou ao ser capturada e traficada para o Brasil. Sua memória reconstrói detalhes acerca dos horrores vivenciados pelos negros na travessia transatlântica. A linguagem que a personagem utiliza expressa sua inconformidade com os novos rumos que sua vida passou a

ter a partir do momento em que foi capturada. O uso do vocábulo "arrancaram" denota a violência e a brutalidade de tirar algo ou alguém do local ao qual este pertence. A utilização da palavra "sepultura", para tratar do navio tumbeiro em que foi colocada, traz em sua semântica a imagem de morte, apodrecimento e esquecimento, representações que se aplicam à situação em que o sujeito negro se encontrava.

O escravizado Antero situa-se entre um bom-caráter e um mau-caráter, ora assumindo uma posição empática com relação a Túlio, ora tirânica ao obedecer às ordens do Comendador. Todavia, no limiar entre o bem e o mal em que suas ações se situam, ele expressa sua consternação para com Túlio ao se apiedar dele e de sua mãe, pois ambos acabaram nas mãos de Fernando P. "— Coitado! — dizia ele lá consigo — Sua pobre mãe acabou sob os tratos de meu senhor. E ele, sabe Deus, que sorte o aguarda. Pobre Túlio…" (Reis, 2018, p. 154). Seu murmúrio denota um sentimento de compaixão com a situação alheia, mostrando que Antero não é um ser humano cruel a exemplo do seu senhor. Não obstante, seu pesar não é suficiente para libertar Túlio, o qual foge por sua própria conta e risco.

Juntamente com Susana, Antero agrega à narrativa um pouco da sua história, permitindo ao leitor conhecer em parte o que ele viveu antes de ser levado cativo para o Brasil, de modo que sua fala contribui para uma visão mais ampla acerca da história do povo negro e da diáspora africana. Sua participação no enredo, bem como a dos demais personagens negros, colabora singularmente para o rompimento com estereótipos e discursos unilaterais disseminados pela ideologia dominante do século XIX, que, mesmo atualmente, ainda influenciam significativamente o imaginário popular acerca do sujeito negro.

A leitura analítica de *Úrsula*, objeto deste estudo, sinaliza a relevância da obra de Maria Firmina dos Reis, tanto em seu caráter inovador em pleno Brasil oitocentista, por tratar de temas pouco discutidos na época, quanto em suas problemáticas que não se limitam ao momento histórico em que foram escritas. As questões sociais do romance refletem o mundo atual, a saber: a desigualdade social, o sexismo e o racismo. Isto posto, a importância do romance de Firmina revela-se em ser uma escritura afro-feminina situada em uma conjuntura política, econômica e social, alicerçada nas problemáticas da escravidão e no patriarcado, manifestando-se em oposição à ideologia dominante.

Maria Firmina dos Reis atuou politicamente por meio de seus escritos, sendo

símbolo de resistência e luta contra as estruturas sociais que reforçavam a desigualdade e a exploração. Como defende Zin (2019), sua produção literária reconheceu o papel do negro e da mulher na construção do estado do Maranhão e do Brasil, ao mesmo tempo em que denunciava as mazelas sociais que lhes cercavam. Ao discutir os ideais de liberdade e de igualdade racial e de gênero, a autora contribui de forma ímpar para uma nova perspectiva de mundo — um mundo mais justo, mais democrático e igualitário.

CONCLUSÕES

O presente estudo teve em vista analisar o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, com base em uma análise da obra, recorrendo a leituras teóricas para o aprofundamento nas temáticas que a obra sugere como gênero e raça. A leitura analítica da obra indica que a escritura afro-feminina de Maria Firmina dos Reis constitui-se lugar de enunciação emancipadora, por retomar um espaço de fala que, por muito tempo, foi negado ao sujeito negro.

Ao construir os personagens escravizados como sujeitos falantes, a autora contribui para a desconstrução da imagem do negro como sujeito submisso, em que pese sua condição de cativo. Ao criar espaço de fala no enredo de *Úrsula* para que o negro narre sua própria história, Firmina discute problemáticas da sociedade oitocentista como o racismo, a desigualdade social e o patriarcalismo, as quais ainda se fazem presentes na sociedade atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adichie, C. N. **O perigo de uma história única.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.

Bonnici, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. **Mimesis**, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998. Disponível em: https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v19_n1_1998_art_01.pdf. Acesso em 15 jul. 2023.

Candido, A. **Formação da literatura brasileira:** momentos decisivos. (1750-1880). 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.

Filho, D. P. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980. Acesso em: 27 ago. 2023.

Muzart, Z. L. Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis. **Muitas Vozes**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 247–260, 2014. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/6400. Acesso em: 8 set. 2023.

Oliveira, E. dos S. Nação e Nacionalismo, Negros à margem: o caso (do romantismo) da literatura brasileira. **Uniletras**, [s. l], v. 36, n. 2, p. 167-185, 26 out. 2014. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/6620. Acesso em: 08 jul. 2023

Reis, M. F. **Úrsula**. 2 ed. Jundiaí: Cadernos do mundo inteiro, 2018.

Silva, R. A. **A escravidão no Maranhão:** Maria Firmina dos Reis e a representação sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Econômica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-14032014-094659/pt-br.php. Acesso em 29 jul. 2023

Zin, R. B. **Maria Firmina dos Reis:** a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. São Paulo: Aetia, 2019.